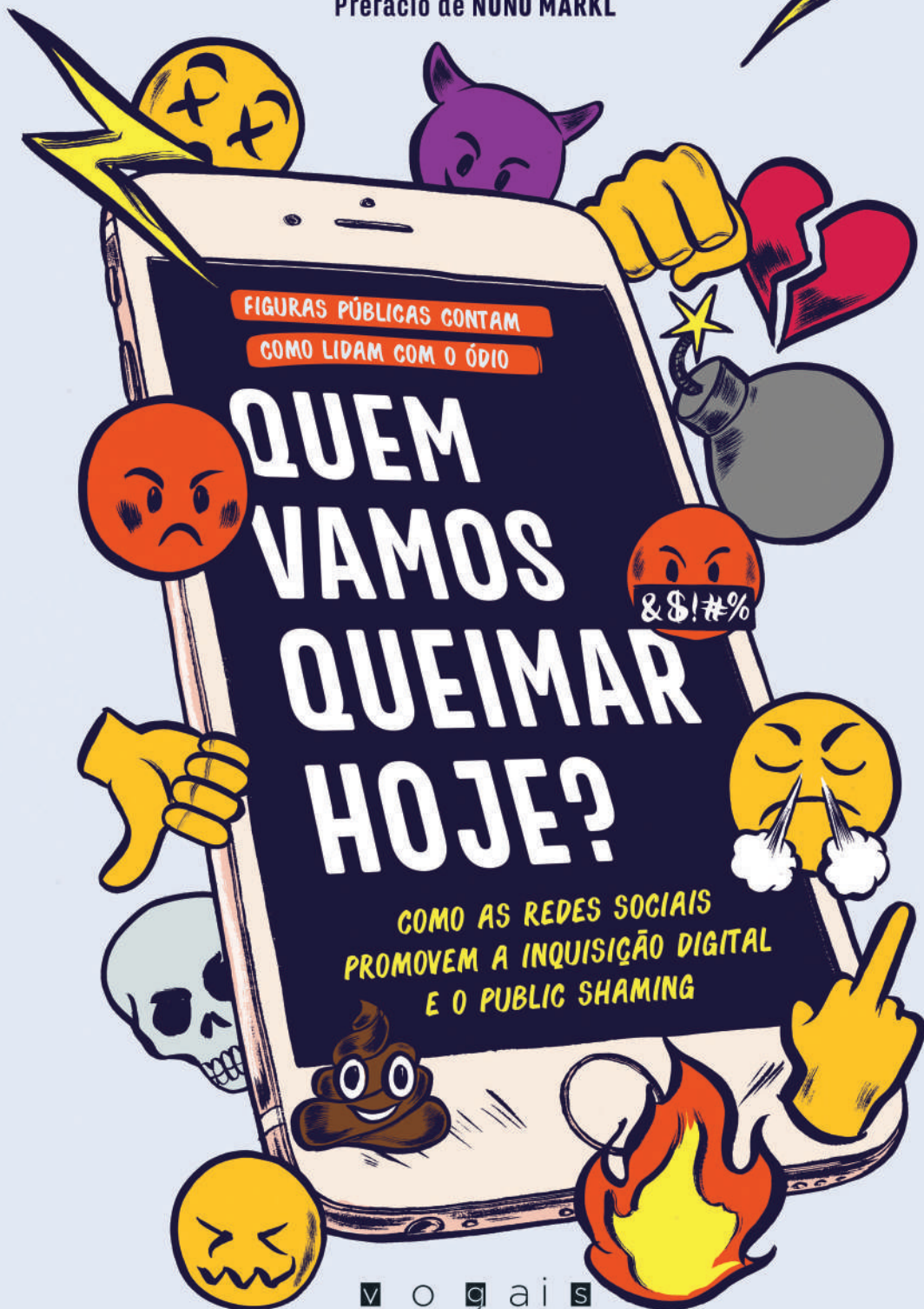


NELSON NUNES

Prefácio de NUNO MARKL



v o g a i s

*I heard the passing bells calling out my name
I knew I'd never see another day
I couldn't swim against the tides of blame
I knew there was no other way*

*You better practice your lines
You better practice your words
I know that real monsters lie
Between the light and the shade
It doesn't matter what you say or feel
When honest men become deranged
They'll genuflect to a lie*

*The sin and the sentence
Penance in the fire
The sin and the sentence
The flames grip your throat*

*I saw the dagger eyes staring back at me
I knew I'd never have a chance to bleed
Guilty, but in the sight of fallen men
They bury you before you speak*

*Beware those who speak in tongues
For they may call your name
You condemn me
Because you don't understand me*

The Sin and the Sentence, Trivium

«Hoje em dia, numa *web* em que todos têm uma voz igual, as palavras do sábio não valem mais do que os murmúrios de um palerma.»

ANDREW KEEN, *The Cult of the Amateur*

«As redes sociais conferem o direito à palavra a legiões de idiotas que antigamente falavam apenas num bar, depois de um copo de vinho, sem causar danos à comunidade. Nessa altura, eram rapidamente silenciados, mas agora têm o mesmo direito à palavra que um galardoado com o Prémio Nobel. É a invasão dos idiotas.»

UMBERTO ECO

*Ao Ricardo Araújo Pereira, que é o melhor porta-estandarte
pela liberdade de expressão que o país pode ter e um dos
amigos mais estimáveis que já pude encontrar.*

À Mariana, que está a ensinar-me a escrever fora das páginas.

À minha mãe Preciosa, por tudo.

ÍNDICE

«TU ÉS COCÓ»: UM PREFÁCIO	
Nuno Markl	15
MERGULHAR NO TRIBUNAL DA INTERNET	23
RICARDO ARAÚJO PEREIRA	
Não é preciso ter redes sociais para compreendê-las em pleno.....	31
HENRIQUE RAPOSO	
«O gatilho está demasiado perto das pessoas, e as pessoas não pensam antes de disparar»	63
MAITÊ PROENÇA	
«O tamanho deste ódio amputou o amor que sinto por Portugal».....	85
JOVEM CONSERVADOR DE DIREITA	
«Vivemos na era da banalidade da polémica»	91
JOSÉ CID	
«Medo de quê?! Eu sou de outro planeta, amigo!».....	117
CÁTIA DOMINGUES	
Como ser ameaçada de morte por neonazis e... feministas.....	123

RUI SINEL DE CORDES	
Perder a conta à quantidade de bloqueios de que já se foi vítima	143
DIOGO FARO	
Guia para lidar com um <i>hater</i> na Internet	165
CAROLINA PATROCÍNIO	
«A primeira polémica feriu-me. As polémicas seguintes foram e são irrelevantes»	179
GONÇALO MORAIS LEITÃO	
Quando a criatividade não é bem recebida	189
MARIA JOÃO MARQUES	
«Há uma tremenda incapacidade de se perceber que as ideias valem para além de quem as expressa»	199
DESACELERAR, DESLIGAR, REFLECTIR	213
AGRADECIMENTOS.....	249
LEITURAS SUGERIDAS.....	253

«TU ÉS COCÓ»: UM PREFÁCIO

NUNO MARKL

As conversas são como as cerejas.

Podia contar-vos que uma das coisas desagradáveis mais recorrentes que tenho de ler é: «Lá está este gajo a aparecer e o povo a pagar.» Isto é uma boca comum quando se trabalha no canal público de televisão, a RTP, mas o tempo foi-me ensinando que já nem é preciso trabalhar na RTP para levar no toutiço por ter um trabalho presumivelmente pago pelos impostos. A propósito de trabalho na Rádio Comercial (que pertence à empresa privada Media Capital), também já li: «Lá está este gajo, e nós a pagar.» Recentemente, no *Facebook* da NOS (também uma empresa privada), a propósito das minhas transmissões da *Cave do Markl*, na Comic Con: «Lá está este anormal a encher-se de guito à nossa conta.»

Esta ideia de que estamos a fazer algo de que algumas pessoas não gostam com o dinheiro dessas mesmas pessoas é habitual. Tão habitual, que eu próprio concordo com ela — geralmente, tenho de lembrar essas pessoas que também sou contribuinte e tenho de gramar com as touradas na televisão pública. Nunca estamos satisfeitos, pois não?

E já agora — e como as conversas são como as cerejas —, algumas das agressões mais épicas que já recebi nas redes sociais vieram

de pessoal ligado à tauromaquia. Uma vez, no 5 *Para a Meia-Noite*, fizemos algumas observações amargamente cômicas sobre um toureiro que se fotografou, para uma revista do social, junto à derradeira homenagem ao seu falecido cavalo: as pernas da sua «coffee table» da sala eram as do equídeo, embalsamadas. Nas paredes, havia cabeças de animais — cavalos, touros, etc.

Nem explorámos muito a situação — há coisas que basta mostrar —, mas o que é certo é que, no fim do programa, havia no *Facebook* a mensagem de um aficionado que, julgando que tínhamos feito uma fotomontagem para tramar o profissional tauromáquico (não tínhamos), escreveu: «Pára de pintar o pessoal da tauromaquia como pessoal violento e maluco. Vê lá se queres que ponhamos as cabeças das pessoas da tua família na parede e se lhes pomos a pernas numa mesa a sério.»

Certo.

Ainda me lembro de quando a Internet apareceu nas nossas vidas. Estávamos nos *mid-90s* quando surgiu este notável complemento ao crescente número de computadores na nossa existência. A primeira vez que naveguei na net foi na Rádio Comercial, no coração de 1995. Que admirável mundo novo, mesmo que com gráficos deploráveis e o drama da perspectiva de falência bancária perante a possibilidade de tentar sacar um *trailer* minúsculo do promissor *12 Macacos* ou um ficheiro de áudio de uma amostra de 30 segundos de uma canção do novo disco dos Blur. Coisas gigantes, para cima de 1 extravagante mega, ali a ocupar a linha telefónica, ligada ao histórico modem de 14.4k. Tudo isso era maravilhoso. Não havia o *Google*, mas havia o *Yahoo*, em tons de cinzento e com os links novos a azul e os visitados a magenta, organizando o manancial de informação da *World Wide Web* em convenientes categorias (o tempo que eu passava a visitar «Entertainment»!...).

Esses primeiros tempos eram pacatos. Eram passivos, era quase como ver um novo tipo de televisão ou ouvir um novo tipo de rádio.

Estávamos habituados a receber, não a dar. E, com a breca, tanto que esta coisa da Internet tinha para dar. E podíamos escolher. Ao contrário das tradicionais TV e rádio, tratava-se de um avassalador bufete de tesouros, pronto a satisfazer todos os nossos desejos, dos mais *mainstream* aos mais bizarros e particulares. Parecia, finalmente, haver de tudo para todos.

E, de repente, descobriu-se que havia maneiras de conhecer pessoas. Viviam em fascinantes janelas para o mundo chamadas Telnet e IRC. Grupos de conversa — horas e horas e horas de conversa com estranhos, não apenas portugueses (olá, Portugal Virtual!), mas também estrangeiros. Agora é que a Aldeia era mesmo global. E era uma idade da inocência: pela cabeça de ninguém passava a ideia de agredir quem quer que fosse. Para quê? Porquê? Estávamos todos demasiado felizes e fascinados. Ainda hoje tenho uma amiga desses tempos, a Shelley, da Califórnia. Uma moça num recanto da América acompanhou, ao longo de horas de conversa, a minha carreira, muito antes de eu ser uma «figura pública». Lembro-me de me dar ao trabalho de traduzir o infame *sketch* do Herman da *Última Ceia* — um dos primeiros que co-escrevi na vida, com o Nuno Artur Silva — para saber a opinião dela, também fã dos Monty Python, como eu.

Eram tempos felizes na Internet. Depois abriram os Yahoo Groups. Depois, os sites começaram a ter fóruns, onde as pessoas podiam dizer de sua justiça (a Rádio Comercial teve um dos primeiros em Portugal). Enquanto se dava esta explosão utópica de união global, eu começava a fazer *O Homem Que Mordeu o Cão*.

E, num certo dia de 1997, aconteceu.

Um dia, os meus olhos param numa mensagem deixada por um jovem. Dizia assim: «Este Nuno Markl, o que eu lhe fazia se pudesse, era enterrar o gajo só com a cabeça de fora e desatar aos pontapés na cara dele.» Para mim, isto foi uma explosão de sensações. Por um lado, ninguém no seu perfeito juízo fica feliz ao saber que alguém

lhe quer desfazer a cabeça ao pontapé; por outro, isto era um novo tipo de ódio. Foi a minha primeira mensagem deste calibre. Lembro-me de a ler na rádio, com um certo orgulho, e preservo-a com carinho. O carinho vem do que aconteceu depois, passados uns meses, e que até hoje ilumina a minha visão do que se passa com o ódio e as redes sociais.

Estou numa sessão de autógrafos algures no país. Um jovem casal, doce e gentil, aproxima-se da mesa e diz-me: «Lembra-se daquela mensagem que lhe mandaram sobre enterrá-lo com a cabeça de fora e dar-lhe pontapés na cara? Foi um amigo nosso. Até hoje, não sabemos o que lhe passou pela cabeça, que ele é muito porreiro e sossegado. Nem ele sabe bem porque o fez.»

Ouçõ essas palavras na minha mente até hoje. Acredito que grande parte do ódio que anda pela net não espelha o que os seus autores são. Ou, de forma mais inquietante, talvez espelhe o que eles são no seu mais íntimo e primário. A minha teoria — que vale o que vale, que é possivelmente nada — é a de que o ódio se pratica nas redes sociais e áreas de comentários dos jornais como a masturbação se pratica perante o *Pornhub*: são descargas primitivas de adrenalina, motivadas por solidão, frustração ou, apenas, stress. Muitas vezes, as «figuras públicas» são convenientes sacos de pancada, outrora inacessíveis no seu reino encantado, mas agora tão próximas, claramente vivendo no mesmo plano de existência, conforme documentado nas fotos do *Instagram*.

Estas descargas de adrenalina primitiva não deixam de ser uma amostra por vezes arrepiante do nosso lado mais negro e cruel. Somos uma espécie terrível, não há como fugir a isso. Todos somos, na nossa essência, psicopatas ou, pelo menos, sociopatas; uns, simplesmente, vão mais longe do que outros. Mas não tenhamos ilusões — somos todos completamente passados dos carretos e infelizes, por inúmeras razões. Talvez a principal seja uma das que nos separa

dos restantes animais: a nossa consciência de que isto vai ter um fim, um dia, e de que é tramado, por vezes, encontrar um sentido para tudo em tempo útil.

Isso faz com que sejamos ruins quando temos oportunidade de o ser, comodamente, atrás de um computador, longe dos visados dos nossos impérios. Onde isto fica terrível é quando o transformamos na chamada mentalidade de linchamento.

As redes ditas «sociais», com a sua ênfase na ideia de «amigos» e de coisas positivas como o «gostar» (algo que o *Facebook* actualizou recentemente, quando percebeu que as pessoas odiavam não poder odiar com um cómodo emoji), só vieram sublinhar a solidão geral da Humanidade. Comunicamos muito com outros, mas cada vez mais longe deles. Damos primazia a estranhos, discutindo palermices com eles pela madrugada fora e dedicando-lhes mais tempo do que às nossas famílias. E sim, tudo são palermices. Mesmo que seja a política internacional aquilo que nos está a fazer debater furiosamente com outro palerma igual a nós, apenas de cor política diferente. Criamos a ideia de que estamos a fazer algo de relevante e importante ao debater assuntos de fundo. Não estamos. Estamos só a perder tempo e a voltar aos tempos das embirrações do recreio escolar, em que queríamos teimosamente ficar com a última palavra na discussão. Não se iluda, caro leitor: se está a trocar embirrações e insultos com alguém, mesmo que o tema seja filosofia, está a gastar tempo e energias com uma coisa fútil e efémera, que, na sua essência, está praticamente ao mesmo nível do «tu és cocó». E está a cavar, mais e mais, o buraco da sua solidão. *Been there, done that.*

É a solidão, ou o medo de que ela se torne ainda maior e incomportável, que depois torna urgente a necessidade de pertencer a um grupo. Os grandes linchamentos das redes sociais (e eu sei do que falo, já fui vítima de um ou dois e já participei noutros tantos, algo de que me arrependo) criam em nós a ilusão de que os estamos

a fazer por acreditarmos na justiça e por acharmos que estamos do lado do Bem. De novo, lamento desiludir. Não, na maior parte das vezes, estamos a fazê-lo porque somos egoístas e, desde os tempos de escola (a vida adulta é, de facto, um recreio e a Internet ainda tornou isso mais claro), temos esta necessidade de sobrevivência natural de querer estar do lado da maioria que bate, não da minoria que leva. É por isso que tanta gente alinha em linchamentos sem sequer saber bem a razão do linchamento. Uma leitura na diagonal chega perfeitamente — «aquele tipo é um filho da puta e vamos dar cabo dele».

Senti isso na pele aquando daquilo a que gosto de chamar o JoséCidGate. Há uns anos, entrevistei o José Cid no Canal Q. Entrevistar o Cid é cutucar um provocador natural com um sentido de humor por vezes absolutamente lunático, selvagem e *nonsense*. Quando ele disse que a região de Trás-os-Montes tinha gente feia e devia ser cercada por um muro para que ninguém lá entrasse ou saísse, eu soltei uma gargalhada. Achei que era uma das loucuras típicas do José Cid; nada daquilo fazia sentido — não só Trás-os-Montes é uma região linda de morrer, como sempre fui lá bem recebido por pessoas gentis e tão bonitas ou feias como as de outra zona qualquer — e não me ocorreu sequer que alguém pudesse sentir-se ofendido por aquele delírio.

Seis anos depois, numa reposição, alguém se sentiu ofendido com aquele delírio (e toda a gente está no seu direito) e colocou-o na net. Há um dia em que, logo a seguir a deitar o meu filho, minutos depois de ele ter perdido um dente de leite, publico no *Facebook* um desenho da Fada dos Dentes dentro de um carro, num engarrafamento, receosa de não chegar a tempo de entregar o presente do dente perdido ao meu herdeiro. Um dos primeiros comentários: «Sem os dentes ficas tu, se te atreves a vir a Trás-os-Montes, meu cabrão.» Fiquei alarmado, porque, ainda por cima, a mensagem fora

enviada por uma senhora de meia-idade que tinha uma fotografia de perfil queridíssima.

Atrás deste comentário, outro. E outro. E outro. E outro. Ameaças de porrada. Ameaças de morte. Pessoas a trocarem informações sobre o sítio onde eu vivia e a combinar espancamentos. A minha família a começar a ficar alarmada. Eu próprio a pensar «mas como diacho é que isto aconteceu?». Eu nada tinha contra Trás-os-Montes, pelo contrário — apenas soltei um «ehe» a uma das inúmeras coisas delirantes que o José Cid disse naquele programa. Mas, de repente, havia mensagens a dizer: «Nuno Markl é contra os transmontanos.» E essa já era, de repente, a versão «oficial». Percebi que muitas das pessoas que me ameaçavam nem sequer tinham visto o vídeo — tinham lido alguém dizer que tinha lido alguém dizer que tinha lido alguém dizer. Mas, na Internet, e no fácil combustível das redes sociais, qualquer coisa se torna, num instante, numa verdade incendiária.

De repente, 48 horas depois, tudo parou. Passadas algumas semanas, tive de ir a Trás-os-Montes. E fui bem recebido. E voltei lá este Verão. Fiz novos amigos em Chaves, um dos sítios mais hospitaleiros e bonitos à face da Terra.

Isto fez-me também relativizar as coisas. Em nome da nossa sanidade mental, não devemos olhar para o *Facebook* como sendo o mundo; apenas uma amostra do mundo. Talvez a mais pura das amostras — cada vez mais, nas redes sociais, sobretudo quando o ódio nos chega ao nariz, agimos como realmente somos: uns trogloditas do pior. É uma janela trágica para a natureza humana. O perigo está em tomarmos a amostra pelo todo, porque é dessa forma que a amostra se torna o todo.

Neste livro, o Nelson Nunes é um cronista deste pequeno mas crescentemente arriscado apocalipse. Mais do que a tal janela trágica, talvez isto seja um espelho que temos de enfrentar para não enlouquecermos. Somos uma espécie capaz de coisas magníficas, mas,

cá no fundo, adoramos a ilusão de poder que vem com o acto de odiar e agredir. E como não temos, muitas vezes, muitas oportunidades de odiar e agredir no mundo real, ansiamos pela próxima ofensa nas redes que nos faça libertar a fúria que temos cá dentro. É ser Super-Homem ao contrário. Sítios como o *Facebook* são as cabines telefónicas em que abrimos a camisa para mostrar o S que temos ao peito.

O S de Sacana.

MERGULHAR NO TRIBUNAL DA INTERNET

«Por vezes, a coisa mais engraçada de se dizer é maldosa. Fica-se numa posição difícil. Por isso, eu digo muitas coisas maldosas, mas vocês têm de se lembrar: não as digo para ser mau, só as digo porque são engraçadas. E tudo tem graça até nos acontecer a nós.»

DAVE CHAPPELLE, *The Bird Revelation*

Ter escrito um livro sobre a arte e a vida dos comediantes portugueses fez-me ficar próximo dos seus brilhantismos, mas também dos seus dramas. Ao longo dos meses subsequentes, inseri-me na comunidade e tomei como minhas algumas das suas dores, muito em particular a dificuldade que têm em ser compreendidos quando alguma piada ameaça qualquer valor sagrado de um conjunto de pessoas. Quanto mais elevado o valor sagrado, maior a indignação.

Entendo a ideia (embora não a partilhe) de que o humorista é um dos principais agentes a espoletar indignações ou a achincalhar determinado arremedo de transgressão. Como diz o povo, deitam achas na fogueira. Acontece, contudo, que uma piada não é um pedido de censura, ao contrário do que ocorre com boa parte das indignações

e do *public shaming* que observamos actualmente nas redes sociais. Fazer uma piada não é ameaçar alguém de morte ou assinar petições para provocar despedimentos, embora seja comumente colocado no mesmo saco destas últimas alternativas tão salutares.

Imaginemos o seguinte contexto: uma figura pública escreve numa rede social que os gatos são descendentes directos de lagartos intergalácticos vindos do planeta Zorg para nos dominar a todos com a sua atitude passiva-agressiva. Indignada, a horda de seguidores da dita figura pública defende que falar assim dos gatos é uma falta de respeito e que não devemos atacá-los desta forma asquerosa e sem princípios. Humoristas juntam-se à mole de gente e fazem piadas sobre a alegada patetice da defesa da ideia.

Uma piada é um intento com o propósito de fazer rir. Não pretende acanhar comportamentos futuros, não pretende alertar a sociedade para a problemática da defesa do pensamento aparentemente absurdo. Pode fazê-lo, mas apenas como dano colateral. O propósito de uma piada é, isso sim, provocar-nos uma gargalhada e fazer-nos descer à terra, mostrando que não vale a pena levarmos-nos tão a sério. Por outras palavras, como tão bem dizem tantos memes online, «vamos todos morrer», para quê a chatice? É uma visão inconsequente, quase psicopata, sobre a vida, mas terá a sua pertinência.

E até aqui, neste panorama meio tonto que apresento, está tudo bem. O errado surge quando a indignação passa a ameaça de agressão, de morte, até, ou luta pelo silenciamento de quem partilha a ideia que, segundo muitos, é errada.

Ideias combatem-se com ideias, não com tentativas de silenciamento — é nisto que acredito desde o momento em que comecei a ler, a escrever e a perceber os pensamentos alheios. Por isso, e por perceber que a democratização da voz («na era das redes sociais, as palavras do sábio não valem mais do que os murmúrios de um

palerma», diz-nos Andrew Keen) deu a mesma relevância simbólica a todos os indivíduos neste tempo do online, pretendo conversar com quem sofreu repercussões por ter partilhado ideias na esfera digital. De que forma essas repercussões saltaram para «o mundo real»? Como se vive no olho do furacão de uma indignação furiosa? Como se lida com isso? A liberdade perde-se com a indignação? A tentativa de silenciamento na era do online é real? A indignação é positiva para o debate ou, por outro lado, em nada contribui para a aprendizagem de ambos os lados da barricada? O politicamente correcto está a destruir a liberdade de expressão?

Antes das conversas com estas pessoas, tenho resposta a todas estas perguntas, mas creio que passarei a estar mais rico e com novas perspectivas sobre as questões que coloco — e outras que surgirão — ao longo do tempo.

Em 2015, após o ataque terrorista à redacção do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, tive oportunidade de escrever um artigo de opinião na secção online P3, do jornal *Público*¹, no qual defendia que a comoção que se fazia sentir era artificial, já que muitos dos que a demonstravam eram os mesmos que pareciam não compreender o respeito fundamental pela liberdade de expressão. Fruto desse artigo, fui até ao programa televisivo *Você na TV*, da TVI, apresentado por Manuel Luís Goucha e Cristina Ferreira, para debater esse tema com Augusto Cid, um dos melhores cartoonistas portugueses de sempre, e um outro senhor chamado Gustavo Santos, um pseudo-guru que defende que os cartoonistas do *Charlie Hebdo* foram mortos porque «puseram-se a jeito, não tinham nada que brincar com a religião dos outros». No debate, temo não me ter safado à altura, porque tenho a presença de espírito de um pneu. Foi, contudo, esse evento que me fez escrever sobre comédia e colocar a inevitável (mas já aborrecida)

¹ <http://p3.publico.pt/actualidade/media/15226/nao-somos-todos-charlie>

pergunta aos humoristas: O humor tem limites? Neste momento, a pergunta a colocar já deve ser outra: O discurso tem limites?

Parece cada vez mais inevitável que, numa base diária, haja indignações colectivas e esmagadoras na Internet, em particular nas redes sociais. Diariamente, pede-se a cabeça de alguém, normalmente em casos de transgressão aparentemente moral, liderada por uma certa polícia dos bons costumes que faz julgamentos baseados em títulos de artigos de jornais. No momento em que bato as teclas do meu computador, a grande indignação tem que ver com um alegado encontro que correu mal entre o comediante Aziz Ansari e uma rapariga que optou por manter o anonimato, apesar de ter feito a denúncia, fazendo-o parecer um caso de assédio sexual, ainda que muita gente tenha defendido que aquele caso não passou de um encontro com expectativas diferentes. Pela descrição que a denúncia faz da ocorrência², e como tão bem defende Ashleigh Banfield³, *pivot* da CNN, bem como Caitlin Flanagan⁴, do *The Atlantic*, este é um caso clássico de *public shaming* — evidencia uma alegada transgressão moral, com o puro propósito de buscar consequências reais para quem a cometeu. A transgressão moral, claro está, pode tomar a forma de comportamentos ou ideias explanadas. O julgamento, como todos os julgamentos que acontecem fora das salas de audiência dos tribunais, aparenta ser, na vasta maioria dos casos, precipitado.

A *Wikipedia* tem uma definição simples mas muito reveladora de *online shaming*: «É uma forma de vigilância na Internet na qual os alvos são publicamente humilhados através do uso de tecnologia, como redes sociais e novos media.»⁵ O investigador Thushan Shaun

² <https://babe.net/2018/01/13/aziz-ansari-28355>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=y4bAULTwAJU>

⁴ <https://www.theatlantic.com/amp/article/550541/>

⁵ https://en.wikipedia.org/wiki/Online_shaming

Packiarajah, da Universidade de Tilburg, diz-nos⁶ que o *online shaming* «não tem uma definição concreta, mas o fenómeno vive nas fronteiras do assédio cibernético, o *cyberbullying* e o *trolling*. As normas sociais estão no cerne do *online shaming*, uma vez que criam as bases que motivam a diferenciação entre o *online shaming* e o *cyberbullying*. O *online shaming* pode basear-se em agressão verbal, mas também pode ter elementos de uma percepção de violação da norma social, seja ela real ou não. O fenómeno também tem sido descrito como uma forma de policiamento que visa humilhar as transgressões através do uso da Internet. A violação real ou percebida de uma norma social pode ser uma noção excepcionalmente subjectiva, mas é uma componente necessária para definir o *online shaming*. É o observador quem decide quando uma norma social é desrespeitada». Vou só repetir esta última parte: no *public shaming*, é o observador quem decide o que é ou não transgressão da norma social.

Sobre este tema, o brilhante autor galês Jon Ronson escreveu um livro intitulado *So You've Been Publicly Shamed*, no qual dá a conhecer as histórias de algumas das pessoas que foram abalroadas pelo fervor fundamentalista da Internet. A determinada altura, Ronson fala dos «gigantes que foram derrubados por pessoas que eram outrora impotentes — *bloggers* ou alguém com uma conta numa rede social. E a arma que estava a ser utilizada para os deitar abaixo era nova: *online shaming*». Não tenho qualquer espécie de pruridos em assumir que essa obra serviu de inspiração ao presente trabalho que tem em mãos.

Um dos exemplos recentes de *online shaming* é o que aconteceu com a cadeia de lojas de roupa *H&M*: num catálogo digital, um menino de ascendência africana enverga uma camisola com os seguintes dizeres: «O macaco mais fixe da selva.» Evidentemente, aos olhos do mundo ocidental, aquela aparente ignomínia parece de imediato

⁶ <http://arno.uvt.nl/show.cgi?fid=143336>

ter contornos racistas. A marca, compreensivelmente assustada com a enxurrada de berros contra a campanha, apressou-se a pedir desculpas. Num inesperado *volte-face*, foi a própria mãe da criança fotografada na campanha que veio pôr vergonha na cara da Internet⁷: «O meu filho fez centenas de sessões com outras roupas, parem de ser chorões, este caso não o justifica.»⁸ Quererá isto dizer que o racismo está no interior das nossas próprias cabeças e não no que ocorre ao nosso redor?

No início de 2018, a revista *The Spectator* debruçou-se sobre este tema, dando-lhe um nome cujo cunho invejo: a inquisição digital. Porque é isso mesmo: uma queima pública de alguém que incorreu numa aparente transgressão social e que ninguém procura investigar a fundo, encontrando um culpado e punindo-o sumariamente. Aliás, foi por causa da *The Spectator* que escolhi o subtítulo deste livro.

Não querendo ser catastrofista, é preciso avançar com esta observação: tal como o progresso narrativo da série *Black Mirror*⁹, também as redes sociais servem essa lógica de propósito: começam por ser uma aplicação de uma ideia com potencial para fazer o bem, mas é o fundo de cada indivíduo que acaba por defini-las, deixando nelas espelhado o lado mau que temos.

Com efeito, muitas têm sido as indignações digitais ao longo das últimas semanas, dos últimos meses. É até difícil executar esse exercício de memória — felizmente, não acontece apenas comigo: Diogo Faro, autor da página humorística *Sensivelmente Idiota*, realizou recentemente um *vox pop* de balanço de indignações em 2017¹⁰, no qual

⁷ <http://www.newsweek.com/mother-hm-model-racist-monkey-hoodie-tells-people-get-over-it-779000>

⁸ Incrivelmente, houve ainda quem defendesse que a mãe da criança estava a incorrer no crime de ser má progenitora.

⁹ Série distópica que lança dúvidas sobre a utilização de determinados tipos de tecnologia. Está com quatro temporadas (2011, 2013, 2016 e 2017).

¹⁰ <https://www.facebook.com/24sapo/videos/2005511456374060/>

a maioria dos inquiridos parecia não se recordar de eventos que tiveram lugar pouco tempo antes da entrevista. Com este livro, o que me interessa é perceber que efeito tem essa indignação em quem é o seu alvo directo e, com isso, entender qualquer ensinamento que daí possa advir.

Já está (ou devia estar) esclarecido que todos temos a liberdade para dizer o que nos dá na veneta. Acresce o facto de que, por sermos advogados da liberdade de que os brutos devem ter o direito de expor os seus disparates, isso não faz de nós brutos. Ideias combatem-se com ideias. Ainda assim, na era das redes sociais, talvez nos falte, de quando em vez, o discernimento e o tempo para reflectirmos sobre os julgamentos que fazemos ou as opiniões que formulamos. Os casos que aqui decidi apresentar pretendem fazer incidir alguma luz sobre os fenómenos que fizeram com que certas pessoas tenham sido trucidadas no mundo digital por causa de um determinado comportamento ou de uma determinada escolha de palavras. Destruímos vidas por causa de ideias que nos pareceram idiotas, tecemos comentários furiosos sem pensar nas reais consequências que isso poderá vir a ter numa vida humana. Onde está a nossa tolerância para com o erro ou a diferença?

Em Portugal, também há quem tenha sido queimado pelo desvario cibernético, sendo que, muitas das vezes, a injustiça acabou por provocar males maiores a quem, na realidade, não incorreu em qualquer transgressão ou, por outro lado, quis apenas expor uma ideia, exercendo o seu direito de liberdade de expressão — claro que a indignação é também uma forma de exercício de liberdade de expressão, mas o ponto nesta discussão é outro: estaremos a ser justos e a agir de acordo com os nossos verdadeiros princípios quando nos precipitamos na busca de uma vingança imediata?

É por isso que quero ouvir alguns dos protagonistas que foram vítimas da fúria da Internet nos últimos anos, para que possamos

compreender que efeitos reais tem uma avalanche desta magnitude na vida real das pessoas, e também para que possa ser reposta a verdade dos factos sobre cada um dos casos.

Espero que a viagem seja tão enriquecedora para si quanto foi para mim, neste processo de descoberta e de libertação da possibilidade de expressão que (ainda) temos.

O que têm em comum Henrique Raposo, Maitê Proença, José Cid e Carolina Patrocínio?

Todos se viram na mira do ódio virtual.

Neste livro, estas e outras figuras públicas conversam com Nelson Nunes sobre o que originou a «polémica», quais as consequências para as suas vidas e como lidaram com isso.

Na Idade Média, os autos-de-fé aconteciam num lugar público, onde todos podiam ver o «penitente» a ser queimado. Hoje, as redes sociais assumiram esse papel. Um comentário fora de contexto, uma piada a que alguém não achou graça... e a indignação colectiva começa a circular e a crescer, podendo atingir a força de um furacão, destruindo tudo e todos pelo caminho! O objectivo: demonizar, ridicularizar, inferiorizar e envergonhar quem se atreveu a exprimir uma opinião.

Da mesma forma que as redes sociais são um poderoso instrumento de denúncia de injustiças, a sua força pode transformar-se numa forma de controlo social, através do recurso à vergonha pública. *Quem Vamos Queimar Hoje?* é um conjunto de conversas sobre a vida moderna, repletas de verdades reveladoras acerca de como os limites do que é aceitável estão a ser redefinidos.

UM RETRATO HONESTO DOS ATAQUES COMETIDOS NAS REDES SOCIAIS

 <p>com todas as letras</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-473-0</p>  <p>9 789896 684730</p> <p>Temas Atuais</p>
--	--